

Director-Proprietario e Editor
Ferreira da Silva
Redacção, administração,
composição e impressão
Rua de Alportel, 23 27
SEMANARIO INDEPENDENTE
NUMERO AVULSO 30 CENTAVOS

O ALGARVE

SILVA NOGUEIRA
Fotografia Brazil
E' o melhor atelier de Lisboa
111 - Rua da Escola Politecnica - 111

O sr. dr. Trindade
Coelho e a Maçonaria

Nós apoiámos aqui o sr. dr. Trindade Coelho, ministro dos negocios estrangeiros, pelas suas declarações que esclareceram o paiz sobre os intuitos que o traziam ao poder e sobre o que nos espera no dia em que a politica do subterraneo maçonico voltar a dominar.

Não nos arrependemos. Os pontos de vista do sr. dr. Trindade Coelho, a realizarem se, só podem engrandecer a Patria.

Mas o sr. dr. Trindade Coelho, antes de principiar a obra que se propunha realizar, entendeu demitir-se, apesar das grandes simpatias que tem no exercito e no paiz. Nem outra coisa podia fazer dada a sua situação perante os homens e os sucessos. E' que o sr. dr. Trindade Coelho empreendera uma luta sem probabilidades de successo pela desigualdade de forças e em que tinha de ficar vencido.

Ao empreende-la, ao projecta-la, esquecera dois factos que têm na sua vida uma influencia decisiva: a sua entrada na maçonaria e a sua apostasia dessa seita que é a vergonha da liberdade e que é o oprobrio da consciencia humana. Já o pae, homem de grande caracter, grande portuguez, lá pertencera e por causa dela tivera de sacrificar a sua vida, colocado entre o dever e o juramento e, quem sabe, com a intimação da seita lembrando-lhe os seus compromissos e a obediencia jurada e donde só pela morte se pode saber.

O sr. dr. Trindade Coelho esqueceu-se de que a porta da maçonaria é como a porta do inferno, com a legenda de Dante — De lá não ha esperança, não é possível saber.

Nem mesmo indo arrependido, penitente, descalço, entregar para serem queimadas as ignominiosas insignias maçonicas á igreja de Santo Antonio dos Portuguezes, em R. m., um homem pode curar-se dessa lepra que deforma, horrifica e mata a consciencia humana!

E esqueceu-se dos processos de luta maçonica, feitos de espionagem na sombra, de delações no misterio, de facadas ás esquinas, de pistolas que se descarregam por si mesmas.

Disponha de quaesquer meios de combate para essa luta feita de anonimato, feita de misterio e de traição, uma luta só na, ignobil, covarde, como é a desse reptil asqueroso. Não só não possuia meio de combater as mil embuchas da seita, como não conhece até onde elle podiam chegar, visto que pertençam sempre áquella parte da maçonaria, áquella minoria do subterraneo, que, pela sua dignidade e pela sua manifesta bondade, serve para cobrir e proteger a grande maioria de patifes que exploram a desfrutam as vantagens dessa sociedade irresponsavel e malefica.

Hiactos na vida que decidem de toda ella quer conduzindo-nos á gloria, quer remetendo-nos ao esquecimento. Mussolini triunfou porque soube inflar nos seus partidarios um altissimo ideal patriótico, missão facilitada pelo descalabro e pela inversão extemporanea de todas as peças da maquina social, que lançou a Italia num regimen de anarquia, chocante e vergonhoso para todos os homens acostumados a obdecer e a mandar principios, sem os quaes não é possível uma sociedade civilisada.

E consolidou o seu triumpho porque soube usar da sua força para jogar todas as outras que, sob o pretexto da liberdade, só servem a desordem e a anarquia. A maçonaria é uma delas.

Não sabemos a reacção que estes successos farão sobre o sr. dr. Trindade Coelho, mas, sejam quaes forem, tem de cortar que é maçon, não para a solidriedade do triumpho ou na gloria, mas para sofrer a vingança até á morte dos seus irmãos no triangulo. Conseguirá vencê-los? Julgamos a empreza difficilissima porque os tentaculos do monstro estendem-se por toda a parte, e em toda a parte lutam e vêm com a vantagem de não serem vistos nem suspeitos.

Sam uma força grande e fiel capaz de trazer á luz do sol todos os adeptos da seita, o combate será sempre desigual e favelivel.

Não vemos em Portugal uma força de bastante patriotismo e capacidade capaz de o fazer.

E' preciso e urgente organisar-se.

Quem terá força e prestigio para isso?

AS CALDAS DE MONCHIQUE

Nestas formosas «termas» onde o tempo mal nos chega para acudir ás inumeras diversões que se sucedem quasi todos os dias, não nos é possível distrair, por vezes, os poucos minutos indispensaveis para dar aos nossos queridos leitores a crónica habitual. Nem isso pode de certo modo causar-lhes estranheza, pois a tradição affirmou já serem as Caldas de Monchique o remanso preferido e mais frequentado da quadra estival algarvia, especie de preambulo para a vida tardia das praias, onde o marulhar incessante das águas, ora de encontro aos muros e alli vos rochêdos, ora a espreguiçarem-se na areia fina da beira-mar, nos ensina as dolentes harmonias dum inverno destruidor e triste!

Caldas de Monchique não é apenas o lugar escolhido para o doente sofredor. E' sobretudo um recanto adoravel onde o gargarhar das fontes e a luxuria da paisagem, nas suas sombras suaves, sombras verdes, nos eleva a alma melancolica e triste, bela e dolorosa, nos apertados braços do sonho e da poesia!

Desde o vale extenso do «Paraiso», onde as águas passam correndo, ve riginosamente, até se irem lançar no rio «Arade», até á encosta destes formosos montes e mata verdejante, tudo se casa para a sintonia extraordinaria da grande orquestra da natureza em que os acordes das fontes cantantes se misturam com o ramalhar do arvoredo.

A' nossa volta os largos horizontes de paisagem embriagante, têm a beleza inocente dos lagos cujas águas se retrata o céu laureado destas encantadoras noites de quente agosto, que o tempo nos rouba aos anos para o nunca mais!

As Caldas continuam a série ininterrupta das suas diversões, marcando pela elegancia das suas festas, o «tea dancing» de sabado passado, dia 10, no Grande Hotel, foi uma festa mimosa, animada, onde se dançou, nervosamente, até ás 4 da manhã.

O Grande Hotel, é mesmo já hoje, o ponto de reunião da colonia chic das Caldas, é o mais frequentado dos hotéis.

Ao lado das festas promovidas pelas gentis aquistas destas «termas», enfileiram os magnificos espectaculos realizados no Casino, nos dias 11 e 12, pela aplaudi da Mary Laura, incontestavelmente uma das mais queridas atrizes cantoras portuguesas. Os seus tangos e canções, cantados com expressão e sentimento, deliciaram-nos gostosamente, e Mary Laura partiu das Caldas com mais um triumpho a juntar a tantos outros que engrandecem a sua já longa e brilhante carreira artistica.

Dizem que o passeio á Foia foi prejudicado, pela abundancia de insetos, com o que muito se desgostou o dr. G., que descendo da «Luza Atenas», empanhado estava em apreciar as «folhetas».

O P. de M. procura descobrir o motivo porque o balneario destas Caldas só é frequentado uma vez por quinzena pela rainha do «barcarat».

Não haverá tambem quem nos diga a razão porque é que desde a chegada do tenente F., o hall do Hotel Central tem sido o lugar preferido pelas meninas que gostam da busca lambida?

Melle. M. D. ao recolher ás 11 da noite, continua afirmando «que isto está bom, você não acha»?

O R. B. dará um premio ao Gualter no dia em que este encontrar nestas termas, a mulher ideal, tigrina «fance maigre».

R. B.

A nova barra

Está marcado o dia 8 de setembro para a abertura oficial da nova barra do porto comum de Faro e Olhão.

Leisante exemplo que citamos, deve incitar os nossos lavradores que ainda não vacinaram os seus animais, a dirigirem-se ao Sindicato, unico meio de obterem a vacinação e economicamente.

AS CALDAS DE MONCHIQUE

Nestas formosas «termas» onde o tempo mal nos chega para acudir ás inumeras diversões que se sucedem quasi todos os dias, não nos é possível distrair, por vezes, os poucos minutos indispensaveis para dar aos nossos queridos leitores a crónica habitual. Nem isso pode de certo modo causar-lhes estranheza, pois a tradição affirmou já serem as Caldas de Monchique o remanso preferido e mais frequentado da quadra estival algarvia, especie de preambulo para a vida tardia das praias, onde o marulhar incessante das águas, ora de encontro aos muros e alli vos rochêdos, ora a espreguiçarem-se na areia fina da beira-mar, nos ensina as dolentes harmonias dum inverno destruidor e triste!

Caldas de Monchique não é apenas o lugar escolhido para o doente sofredor. E' sobretudo um recanto adoravel onde o gargarhar das fontes e a luxuria da paisagem, nas suas sombras suaves, sombras verdes, nos eleva a alma melancolica e triste, bela e dolorosa, nos apertados braços do sonho e da poesia!

Desde o vale extenso do «Paraiso», onde as águas passam correndo, ve riginosamente, até se irem lançar no rio «Arade», até á encosta destes formosos montes e mata verdejante, tudo se casa para a sintonia extraordinaria da grande orquestra da natureza em que os acordes das fontes cantantes se misturam com o ramalhar do arvoredo.

A' nossa volta os largos horizontes de paisagem embriagante, têm a beleza inocente dos lagos cujas águas se retrata o céu laureado destas encantadoras noites de quente agosto, que o tempo nos rouba aos anos para o nunca mais!

As Caldas continuam a série ininterrupta das suas diversões, marcando pela elegancia das suas festas, o «tea dancing» de sabado passado, dia 10, no Grande Hotel, foi uma festa mimosa, animada, onde se dançou, nervosamente, até ás 4 da manhã.

O Grande Hotel, é mesmo já hoje, o ponto de reunião da colonia chic das Caldas, é o mais frequentado dos hotéis.

Ao lado das festas promovidas pelas gentis aquistas destas «termas», enfileiram os magnificos espectaculos realizados no Casino, nos dias 11 e 12, pela aplaudi da Mary Laura, incontestavelmente uma das mais queridas atrizes cantoras portuguesas. Os seus tangos e canções, cantados com expressão e sentimento, deliciaram-nos gostosamente, e Mary Laura partiu das Caldas com mais um triumpho a juntar a tantos outros que engrandecem a sua já longa e brilhante carreira artistica.

Dizem que o passeio á Foia foi prejudicado, pela abundancia de insetos, com o que muito se desgostou o dr. G., que descendo da «Luza Atenas», empanhado estava em apreciar as «folhetas».

O P. de M. procura descobrir o motivo porque o balneario destas Caldas só é frequentado uma vez por quinzena pela rainha do «barcarat».

Não haverá tambem quem nos diga a razão porque é que desde a chegada do tenente F., o hall do Hotel Central tem sido o lugar preferido pelas meninas que gostam da busca lambida?

Melle. M. D. ao recolher ás 11 da noite, continua afirmando «que isto está bom, você não acha»?

O R. B. dará um premio ao Gualter no dia em que este encontrar nestas termas, a mulher ideal, tigrina «fance maigre».

R. B.

A nova barra

Está marcado o dia 8 de setembro para a abertura oficial da nova barra do porto comum de Faro e Olhão.

Leisante exemplo que citamos, deve incitar os nossos lavradores que ainda não vacinaram os seus animais, a dirigirem-se ao Sindicato, unico meio de obterem a vacinação e economicamente.

ARTE DO SILENCIO

Correu o boato de que o Rin Tin Tin, artista de cinema e cão celebre, á não era deste mundo. Nada mais falso. Rin Tin Tin artista de quatro patas, muito mais celebre que varios de duas, não só não morreu como arranjou agora um companheiro com o qual vae regalar nos em alguns filmes destinados á celebridade. Ele tem o habito de mudar de companheiros nos seus trabalhos cinematograficos. Já o vimos trabalhar com cow boys, com agentes de policia, revelando-se defensor de viúvas e de orfãos, afrontando varios perigos para as salvar e para levar a cabo as suas generosas missões.

Agora o seu novo companheiro é um macaco chamado Monk que gosta imenso do Rin Tin Tin, e que se tem revelado, nos trabalhos para o cinema, um colaborador dedicado e inteligente. Qualquer dia os vermos juntos num filme que hade causar a admiração das multidões que por todo o mundo admiram a intelligencia e arte do Rin Tin Tin.

A produção Paramount para a proxima epoca eleva-se a mais de oitenta filmes. Filmes de grande metragem, fora do corrente, não ha, mas ha filmes de sensação com os primeiros artistas do Cinema.

Já vimos a lista das mais animadas não está autorisada a publicação porque ainda não está completa, por isso a não damos por em quanto a publicar.

Podemos porem, sem inconveniente dizer aos nossos leitores que ha dois filmes do grande Emil Jannings, dois de Harold Lloyd, trez de Pola Negri, um de Rodolfo Valentino, um de Fred Thompson, trez de Bob Daniels, dois da Esther Ralston, um da avadora Ruth Elder, trez de Richard Dix, trez de Jack Holt e os restantes de varios outros artistas entre eles a Marcha Nupcial do celebre cond. austriaco Erich Von Siroenator e ensenador que n'ele figura tambem. As emprezas estreitadas estão já tratando de os conhecer para fazerem as suas marcações.

Os snhores tem visto o velho e respeitavel leão da Metro G. I. dwin M. ynd que serve da marca áquella grande empreza e que no principio dos seus filmes se mostra vivo abrindo a boca para rir?

Poi ao velho leão chegou tambem a hora de deixar de ser mudo. Nas fitas sonoras ou faladas da Metro, ele não só abre a boca, mas passou a dar os respectivos urros que são o susto das crianças e até dos muitos meninos crescidos.

Dizem que foi um pouco difficil obter os rugidos na sonoridade potente que elles devem ter: ca selva, porque o leão, como sendo á uma fera meo civilisada pelo seu convívio com os homens do cinema, entendeu que devia dar uns rugidos de forma a não incomodar a visinhança. Foi preciso demas trar-lhe que ele era um artista encarregado de representar um leão selvagem e ele foi-se convencendo a pouco e pouco e chegou ao tom devido.

Quando é que o ouviremos?

Realizou-se ha dias em Barcelona uma entrevista entre os industrias que estão á frente da industria cinematografica espanhola e o sr. Edwin Carewe, representante em Inglaterra, da firma americana United Artists e director da Syntok Talking Pictures Ld. de Londres, para se combinar a fundação de uma sociedade hispanhola de Cinema falado e sonoro affilia áquellas duas importantes firmas. Como se vê os americanos vão fazer fitas faladas em lingua castelhana porque entendem que esse trabalho lhes dará lucro atendendo aos países sul americanos em que aquella lingua se fala.

Será um grande serviço prestado á Espanha e á pureza da sua lingua.

Carta de Lisboa

Os teatros.—Continuam todos abertos, excepto o Avenida e o Eden, que não podem funcionar sem que tenham executado as obras de segurança que a inspecção exige.

Sobre o Eden ha uma curiosa questão entre o proprietario e os inquilinos que não sei como será resolvida. No entanto, para salvaguarda de direitos adquiridos, os inquilinos vão pagando as rendas não se sabendo quando se farão as obras.

Os teatros e tão abertos, é certo, mas a maior parte para ter publico, recorre ao sistema dos convites. Um destes dias recebi um subscrito que tinha por fóra estas palavras: «Dentro desta envelope está a alegria de sua familia». Era um convite com trez bilhetes de plateia que eu teria de pagar com 50% de abatimento. Achei que valia mais o fresco da rua que, num jardim ou na Avenida se toma de graça, que o fresco da comedia com 50% de abatimento no preço. E não fui lá.

Nos cinemas.—A falta de publico tambem é grande. O Tivoli é o que se conserva mais em equilibrio. Estive no Conde ha dias. Apesar da espectacular ser bom, nem por isso a concorrência era maior. Muito pouca gente. Prejuizo certo. No Odeon, nem se fala. Mesmo e meos preços é um desastre completo. Ninguém percebe porque é que este cinema chutou assim! Chega a gente a pensar na jettatura em que os italianos como directores dependentes dos romanos, tanto e bem tornando-a uma condição infalivel a considerar em todos os negocios e especialmente nos de teatro, dando-lhe caracteristicas certas com que eles, ao veras se julgam incapazes de actuar. Pois, parece que o Odeon tem jettatura mala sombra, como dizem os espanhols ou guinea como lhe chamam os francezes!

Os emprezarios, destes que a sorte bafeja, são em geral, muito supersticiosos e tem um medo extraordinario da jettatura e dos jettatores. Ai do pobre artista empregado a quem os outros se lembram de adornar com esse temido epiteto. E' homem ao mar. Desde os mais infimos desastres ás maiores desgraças, ele é o culpado de tudo. Não lhe tem odio porque o consideram victima de uma fatalidade que ele traz sem saber e sem ter culpa, mas olham para ele de soslaio com o terror que lhes infunde o raio que pode descer de uma trovoadá.

Pois, parece que no elegante Cinema onde, em tantas noites, se desenrolaram gloriosos triunfalmente as legiões batalhadoras da Grande Parada, as emocionantes e grandiosas corrédas de Ben Hur, entrou a jettatura! Não ha filme que atrahia, não ha espectáculo que chame! Nem a sua bela orquestra coleando com rara infelicidade todos os incidentes dos filmes, conseguem chamar gente. Jettatura com certeza. Mas ha homens que não se ceiam os jettatores e no Odeon vae surgir um—o sr. Salm Levi, da Companhia Cinematografica. E' ele segundo me dizem quem na proxima epoca dirigirá o elegante cinema da Rua dos Condes.

Achamos que o Odeon e o publico só tem a ganhar com uma tal direcção. O sr. Salm Levi conhece o negocio e é em Portugal uma importante figura no meio cinematografico. Além disso é um batalhador sereno e reflectido a quem as grandes curvas cu subidas do caminho a vencer não assistam, não fazem medo. Sabe tenir o volante.

E teremos occasião de ver se a jettatura deixou o Odeon ou se é capaz lá continuar arrostando com o hebraismo macoolta do sr. Levi.

O Padrão de Santa Maria.—Subja, ha dias, a Avenida, quando deparei com um pequeno monumento que me impressionou pela robustez da sua estatura, pela simplicidade das suas

linhas, pela beleza original do seu conjuncto. Era o padrão de Santa Maria, pequeno marco destinado a celebrar e a recordar os heróicos de Augusto Castilho, afundado pelos submarinos alemães.

Não se pode em tão pouca pedra dizer mais! Ele condensou, com um talento artistico e uma inspiração bem rara e bem distincta, o facto heroico que o inspirou.

A sobriedade das suas linhas, o atarracado da sua estatura, a composição simples, rude dos seus motivos ornamentais, são bem um reflexo dessa raça forte de navegadores que soube impôr nas mais longinquas paragens do mundo a dominação e a bandeira da sua nação, mais pelo arrojo do seu animo do que pela força dos seus meios.

Só um artista bem portuguez, um artista bem possuido do instante das glorias e das tradições da raça, poderia crear aquela estrofe heroica de pedras, aquele forte go de gloria dos que tão valentemente souberam morrer honrando-a.

Este artista é o sr. Rul Lino, um dos nossos mais distintos arquitectos, um daqueles que ha muito soube impor-se pelo talento, pelo estudo e pela originalidade.

Do estudo dos nossos monumentos, do conhecimento da nossa historia e das nossas tradições soube ele tirar obras cheias de originalidade e tão adequadas ao espirito, da raça que levaram o seu nome em louvor de um extempo a outro do paiz, onde o seu bello livro popularizando a sua linda e sa portuguesa, conseguiu que por toda a parte se encontrem já exemplares dessa.

A pequena mas linda obra do padrão foi escolhida por dois dos seus colegas illustres—o sr. Norte Junior e Tertuliano Marques, que, sendo concorrentes tambem, entenderam que o projecto a executar devia ser do sr. Rul Lino. Esta escolha feita por dois artistas de tanta competencia diz bem mais do que tudo o que esta pequena referencia sincera pode celebrar.

Uma historia.—Conta-se esta historia, cujos termos se não garantem mas cujos factos se affiançam, porque e a é mais uma alissima lição do patriotismo que deduzo todo o seu grande talento, toda a sua honestidade, toda a força do seu trabalho e das suas virtudes, para errancar da vergonha e da ruina, esta velha nação cheia de gloriosas tradições.

Espalhal-a, difundi-a de um extremo a outro do paiz, é pregar um exemplo e é render uma justissima homenagem.

Na Arcada. Em frente do Ministerio das Finanças encontraram-se dois irmãos velhos, Oumprimentos.

—Ha tempos já que não tinha o prazer de o ver!

—E' certo. Não admira. Ha tempo já que não venho a Lisboa. Ando envolvido num caso que me tem tomado o tempo e tirado a coragem de cá apparecer.

—Sim? Conte-me lá.

—Fala-se em que isto tem mudado. Nada mais falso. Está tudo na mesma, a não ser que pagamos cada vez mais com cada vez menos a liberdade de bufar. Como se eu, com a idade que tenho e a pratica desta Rua dos Desenganos em que nos achamos não estivesse habilitado a ver e a comparar... Tudo na mesma.

—Que lhe fizeram meu Amigo? O' sr. é injusico.

—O que me fizeram? Quer sabe? Ando ha dois mezes nas mãos de um manga de alpaca que jurou moer-me o figado, divertirse á minha custa, a fazer-me perder dinheiro, a esgotar-me a paciência...

—Diga, diga.

—Andam ha dois mezes a embriuhar-me em rabulices, em picuinhas, protelando-me um acto que, sem esse espirito de fazer mal, sem essa vontade de desprezar os interesses e a justiça dos contribuintes, em duas horas ou menos estaria resolvido.

E diz o amigo que isto mu-

dou. Talvez tenha razão. Mudou, mudou, mas foi para pior. —Diga-me cá: Qual é o ministério de que isso depende? —E' este que está aqui na nossa frente: O ministério das finanças.

—E' porque se não dirige o meu amigo ao ministro? —Ao ministro? Bem se vê que o meu amigo não conhece a rua dos ministros.

Mas conheço-a eu. E' a Rua das Boas Palavras. Ainda não mudou. O manga d'alpaca tem a subtrefugos para enroscillar a ignorancia dos ministros. A gente que se sabe. O ministro manda informar. O manga d'alpaca responde e o ministro acaba por pegar nas razões do manga d'alpaca e dar-lhe com elas na cara. Os ministros... Ora... Ora... Como se eu não sobesse praticamente, que eles costumam ser!

—Pois engana-se com o dr. Oliveira Salazar, conheço-o, sei o que vale, e o que vale e afirmo que é muito diferente. Ahi vem e c. V. U-lh'o apresentar para o meu amigo ter a occasião de lhe expor o seu caso.

—Não é preciso... —Tem de ser. Mesmo paraver se ele é como os outros. Chega o sr. Oliveira Salazar, cumprimentos, apresentação do contribuinte para expôr o que se passa com ele.

O ministro puxa o relógio e o bando o diz:

—Tenho apenas cinco minutos disponíveis para o ouvir.

—E' o bastante, diz o contribuinte. E conta o que se passa, as dificuldades que lhe tem vindo a causar e os prejuizos que tem sofrido.

—Vá estudar o assunto e em breve terá a resposta, diz o ministro despedindo-se.

E ainda o dr. Oliveira Salazar não tinha voltado as costas já o contribuinte piscava o olho ao amigo e dizia-lhe em voz alta, de forma que o ministro devia ouvir:

—Vá estudar o assunto... A minha resposta de todos. Nunca mais se lembra. Vá ver.

Como se eu não conhecesse os hábitos d'esta rua das Boas Palavras...

—Destá vez vá enganar-se. Vá!

E despedem-se. O amigo de Lisboa:

—Não se esqueça de me dizer o que se passa.

O de Setúbal:

—E veja desenganado. Há de ser como dantes.

Na manhã seguinte, em Setúbal, á hora da abertura das repartições publicas, apresenta-se á porta d'aquella por onde o caso corria, um sujeito que perguntou ao continuado a que horas chegaria o chefe:

—Porque? O sr. tem alguma coisa a tratar com ele?

—Sou conhecido d'elle e de sejo falar-lhe.

—Ah! Isso lá para o rebenotar da uma hora ou hora e meia.

—Então ele não vem mais cedo?

—Não vem.

—E os outros empregados?

—Esses lá para o meio dia ou meio dia e meia hora.

—Tenho que esperar por eles.

—Quer um conselho? O melhor é o sr. ir passear ahi pela cidade até que eles apareçam.

—Se me dá licença ficarei aqui á espera d'eles.

—A' sua vontade mas já sabe que antes das horas que lhe disse não o apanha cá.

Agora ainda ele se está a voltar na cama...

O continuado foi sentar-se á mesa a desfazer pntas de cigarros sobre um papel de jornal; o visitante sentou-se n'uma cadeira puxou d'um papel e começou a fazer cálculos.

Por volta do meio dia e meia hora appareceu em subliero.

Cumprimentos o continuado, olhou para o visitante, mediu-o de alto a baixo e piscando o olho perguntou em tom de confidencia:

—Quem é este gajo?

—Não sei. Diz que é conhecido do chefe e quer-lhe falar.

Nova inspecção de olhar ao desconhecido enquanto se viae chegando para o seu logar.

Senta-se, puxa do jornal, põe as pernas em cima da secretaria e vai lendo a gazeta de ponta a ponta.

Já bateu uma hora. Já as secretarias das fabricas despertaram os ecos de B-ancas e ainda o chefe não appareceu.

Mas entre a uma e um quarto e a uma e meia, surge ele satisfeito e pachorrento. O continuado levanta-se a cumprimenta-lo.

—Quem é aquelle sujeito que está ahi?

—Não sei. Ele diz que o co

PELA PROVINCIA ESTOY

Ouvimos ha dias queixa em se alguns dos habitantes da rua de Faro devido ao excesso de velocidade que os automoveis tomam nesta rua. Chamamos pois a atenção dos sr. chauffeurs não só pelo que se possa registar como qualquer desastre visto se: uma das ruas de mais movimento, mas pela poeira que eles levam a e que se introduz em todas as casuz.

Regressou de Lisboa, Mellé. Rogeria de Matos.

Regressaram das Caldas de Monchique, os srs. José da Ponte, Manuel Rodrigues Corvo, José de Jesus Z. ferino, Jo é Mendes e Epaminondas Carraj la.

Numa excursão foi a Portimão, Praia da Rocha, Sagres e Cabo de S. Vicente o sr. Francisco da Encarnação Ferrinho.

Regressou de Lisboa o sr. João de Sousa Estrela.

Partiu para Huelva o sr. Arthur Cordeiro.

Com sua familia encontra-se nesta localidade o sr. João da Silva Rodrigues Carrajola.

Com sua esposa encontra-se em Vila Real de Santo Antonio o sr. José Maximino de Sousa. Com sua esposa encontra-se nesta localidade o sr. Dr. Eurico Antonio Jardim de Carvalho genro do sr. dr. Antonio Mendonça.

Regressaram da Combra Mellés. Maria Celeste Afonso Lopes, Maria Manuela Mendonça e Juliana da Conceição Brito, alunas da Faculdade de farmacia.

Com sua familia encontra-se na Ilha da Culatra o sr. José Macciano de Sousa.

Por ter fracturado uma perna encontra-se no hospital de Faro a esposa do sr. Joaquim de Brito.

Com 93 anos de idade faleceu nesta localidade o sr. José do Rosario.

nhece.

—Pode ser. Eu é que o não conheço a ele. E vai sentar-se á secretaria.

—Já pode falar ao sr. chefe que entrou agora, diz o continuado.

—Venho aqui para que faça favor de me explicar a razão porque se não resolve o caso do sr. O... Ele encarregou-me de tratar do assunto e espero que V. Ex.ª o despachará hoje.

—Eu já disse ao sr. O... o que tinha a dizer sobre o assunto. Que espere se quizer.

O desconhecido apresentou as razões que impunham a resolução imediata do assunto, os prejuizos causados, o descredito para a administração publica e a falta absoluta de razão e de direito para produzir todo esse mal.

—Eu não sei quem o senhor é, nem sei com que autorização ou procuração aqui vem tratar dos negócios do sr. O...

Já lhe disse a ele o que tinha a dizer. Que espere se quizer.

—Mas isso não é justo nem legal. Nada há que autorise V. Ex.ª a proceder por essa forma causando prejuizos graves apenas pelo seu capricho. Isto tem de se resolver ho e.

—Que se queixe ao ministro das finanças. E o senhor quem é para ter a coragem de me falar aqui dentro dessa maneira? Se continua terei de o pôr lá fora.

—Quem sou? Tem razão em querer saber.

E puzando do bilhete de identidade po-lo diante dos olhos do chefe. Este ia cahindo com uma apoplexia. Era o proprio ministro dr. Oliveira Salazar.

Naquella noite o chefe e os companheiros, excepto o continuado, meteram-se no comboio para outras paragens e no dia seguinte o sr. O... vinha a Lisboa contar o caso ao seu amigo e fazer penitencia da sua descrença que já era do tempo das outras senhoras.

—Até me indemnizaram dos prejuizos! Nunca se viu uma coisa assim! Tem razão, meu amigo. Alguma coisa mudou na Rua dos Ministros. Nunca supuz que em Portugal houvesse um ministro daquele envergadura! E eu tenho conhecido tantos...

MUNDANISMO

Partidas e chegadas

Encontra-se em Monte Gordo o sr. Adelino Vieira Neves, director da «Alma Alentejana», de B. ja.

Com sua familia partiu para Lisboa o sr. Armando Casa Nova, gerente da casa Tota, nesta cidade.

Está em Faro o sr. José Bombeiro, empregado da casa bancaria Tota.

Do Norte, e de Lisboa regressou a esta cidade o sr. João de Sousa Uva.

Foi a Lisboa o sr. Pedro Machado, gerente da casa bancaria Manoel Dias Sancho.

Em Monte Gordo encontra-se com sua familia o sr. Mancel Antonio da Silva.

Tambem se encontra naquela praia com sua familia o sr. Augusto Vieira dos Reis.

Está em Lisboa o sr. Antonio da Costa Ascensão.

Retirou para Alcaer do Sal o sr. João Dias de Sousa Uva.

Encontra-se a mudança de ares na sua propriedade a familia do nosso director sr. Ferreira da Silva.

Doentes

Entrou em convalescência da enfermidade que o reteve no leito, o sr. Albino Fernandes Pinto, gerente da casa Singer, nesta cidade.

Sondagem de aguas subterraneas

Por pessoal tecnico e material aperfeiçoado do Ministerio da Agricultura.

Os proprietarios que quizerem utilizar este importante serviço, quer seja para novas noras ou para melhorar as já existentes, queiram dirigir-se immediatamente ao Sindicato Agricola de Faro, que exporá as condições

TERRAS DA ORDEM

Consta-nos que a comissão encarregada de estudar as causas do conflito relativo a posses das chamadas «Terras da Ordem», no concelho de Castro Marim, e de propor as medidas para lhe pôr termo, já entregou o seu relatório e que concluiu que tal conflito se poderá resolver definitivamente num futuro muito proximo, propondo entretanto ao Governo que tome as medidas necessarias para evitar alterações da ordem publica e que a autoridade mantenha a maior imparcialidade entre os contendores.

HA 44 ANOS

DE "O DISTRICTO DE FARO"

De 13 de agosto de 1885

PESCA DE ATUM. Até ao dia 10, a pesca de atum nas armadas da costa do Algarve foi, respectivamente, a seguinte:

Abobora

4 473 atuns, 1071 stuarros, 9 albacoras, 35 milheiros de cavala.

Medo das Cascas

14 092 atuns, 4237 atunhos, 226 albacoras, 192 milheiros de Sardinha, 458 milheiros de cavala, 660 milheiros de veugos, 120 corvinas.

Livramento

15 418 atuns, 842 stuarros, 47 albacoras.

Trez irmãos ou barri

12 501 atuns, 2082 atunhos, 30 albacoras, 30 milheiros de sardinha, 864 milheiros de cavala, 30 de veugos.

Tem estado nessa cidade, no gozo de licença registada, o nosso estimado amigo e patrão sr. Rodrigo de Aboim Ascensão, alteres da cavalaria d

HENRIQUE BORGES

Doenças de boca e dentes

Dentes artificiaes

EM AGOSTO: Consultas todos os dias uteis

EM SETEMBRO: Consultas só ás 4.ª e sabados.

Rua Ivois, 18—FARO

Lá fora não há melhor

Dizem os entendidos que as camissas feitas na Casa Portugal são incuestionavelmente as melhores.

NECROLOGIA

Faleceu na sexta feira em Lisboa, no hospital militar da Estrela, o major reformado sr. Justino Frederico Crispin, de 74 anos, natural e residente nesta cidade.

O sr. major Crispin, ao sentir agravarem-se-lhe os seus sofrimentos, resolveu ha pouco mais de um mez, internar-se no hospital militar onde acaba de falecer.

A' sua familia os nossos pезames.

Agencia do Banco de Portugal em Faro

A Administração do Banco de Portugal resolveu emitir notas de CFM ESCUDOS Ouro-de-nova chapa, para circular conjuntamente com as das chapas actualmente em circulação.

Os principaes caracteristicos desta nota, pelo que respeita a cor, data, serie, numeração, chancelas de Governador e de mais dizeres que a compõem, bem como a filigrana do respectivo papel, podem ser examinados nos exemplares que, para esse fim, se aham patentes neste Banco e nas suas Delegações.

Faro, 22 de Agosto de 1929

Pela Agencia do Banco de Portugal em Faro

OS AGENTES

Francisco Victorino Santos

No Impedimento do Agente

O 1.º empregado

Antonio Viegas Pinto

Per motivo de retirada para o estrangeiro

VENDEM-SE

Uma larga de madeira com colchão d'arame, maquina de costura de secretaria, marea singer, fogão de cozinha, fogões de petroleo, louças da China e Japão, bilhetes orientais, etc, etc. Tratar na Avenida da Republica, 104—Faro.

Moinhos de Café

1 1/2 H.P., cap cidade horaria 50/60 kg; tubagem de vapor e agua, valvulas de bronze, sucata de ferro, etc, etc.

Vendem-se em boas condições. Carta a este jornal ás letras, M. M.

Aos engenheiros e desenhadores

Vende-se uma maquina de desenhos, prensa para marcos, tina de zinco para marions, algum material de laboratorio, etc.

Vendem-se por motivo de retirada para o estrangeiro.

Dirigir á Avenida da Republica, 104—Faro.

COMARCA DE FARO

Por este juizo e cartorio do 3.º officio no processo de divorcio por mutuo consentimento requerido por Francisco Ernesto Goes, empregado no Comercio, actualmente ausente em parte incerta, e esposa Ermelinda da Silva Reis Goes, doméstica, corem edtos intimando editalmente o requerente dito Francisco Ernesto Goes para comparecer no Tribunal Judicial desta Comarca no dia trez de Outubro pelas 15 horas afim de ter lugar a conferencia a que se refere o artgo 40 do decreto de 3 de Novembro de 1910.

O Esorvão do 3.º officio

Bernardo José Ferreira

Verfiquo: O Juiz de Direito

Francisco Carlos Soares

Armação de Pera

Aluga-se uma morada de casas espaçosas e alegres, sito fresco e saudavel, para a temporada de banhos. Vista de campo e praia. Quem pretender dirja-se á casa da Quinta da Saudade, na mesma povoação, ou em L-gôl a M. J. Castel Branco Ramos, onde receberá condições e informações.

SACOS

Em bom uso. Vendem-se, Rua Leites, 25—Faro.

Officina de canteiro e escultura DE Antonio Tomaz Ramos Sucessor de José Maria Paulino Fernandes Rua Miguel Bombarda, 7 a 15

— FARO —

Encarrega-se de todos os trabalhos pertencentes á sua arte

Construção de jazigos e de todos os trabalhos para construção de predios

Fornecimento de marmores para moveis

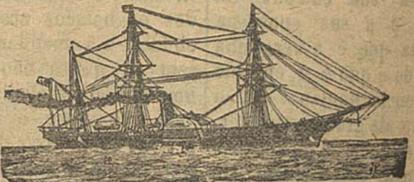
Execução rapida perfeita e economica

Decauville

Vende-se 500 metros de via "Decauville", quatro wagonettes e quatro agulhas, em estado novo.

Dirigir propostas a Bentes & C.ª Rua de S. Antonio n.º 9.

FARO



Agencia DE Passagens e Passaportes DE Manuel Guerreiro Matias

Algarvios Alemtejanos

Trazei no vosso pensamento o HOTEL AMERICA CENTRAL que foi adquirido por um novo proprietario, com bastante praticas e velho hoteleiro no Brasil, emrando-se por bem tratar os seus hospedes.

Este hotel tem comodas para familias e passageiros e fica situado entre o Terreiro do Paço e o Rocio, na rua do Almada, 649

O proprietario, M. Guerreiro Matias

Encarrega-se de toda a documentação, mesmo para menores. Vende passagens para toda a parte do mundo. E' correspondente das melhores companhias de LISBOA, PORTO e VIGO.

Agencia em FARO — Rua Conselheiro Bivar, 59. Proprietario do HOTEL AMERICA CENTRAL—Lisboa.

MOSAICOS

Optimo acabamento

Grande resistencia ao desgaste

EMPREGO DOS MELHORES MATERIAIS

Fabrico especial da

EMPRESA FABRIL DO ALGARVE, L.ª

FARO

Fábrica Industrial 1.º de Maio

— DE —

MANUEL CARVALHO

Serralharia Mecanica e Civil

Fundição de ferro e bronze

Rua Infante D. Henrique, 186 — FARO

Esta officina, a mais antiga do Algarve, continua, sob a direcção do seu proprietario, a executar todos os trabalhos da sua arte

— Preços de concorrência —